



As Sete Irmãs e o controle acionário em rede da saúde privada no Brasil

The Seven Sisters and networked shareholder control in Brazilian private healthcare

DOI: 10.23925/1806-9029.37in.2(68)74194

Autor: Eduardo Magalhães Rodrigues. Pesquisador do Centro de Estudos de Saúde Coletiva e Doutor em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC. E-mail: pesquisadorcesco@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7384-6133> - Submissão: 10/2025 - Aprovação: 11/2025.

Resumo

Fazendo uso da metodologia da Análise de Redes Sociais e, especificamente, das métricas de centralidade de intermediação, grau de saída e grau de saída ponderado, esta pesquisa estuda as conexões acionárias em rede das 200 principais corporações atuantes no território brasileiro. Representando 63,5% do PIB, chegou-se à conclusão de que, entre outros setores, um dos que possui maior poder na economia corporativa é o da Saúde Privada. Nesse campo, foram identificadas 7 *holdings* que denominamos como sendo as Sete Irmãs da Saúde Privada. Estas exercem não só o controle do mercado acionário de saúde, mas também participam, como protagonistas, do controle econômico geral no Brasil. O estudo é inédito quanto ao seu conteúdo associado à metodologia aplicada.

Palavras-chave: As setes irmãs da saúde privada; Análise de redes sociais; Controle acionário em rede; Planos de saúde; Economia política da saúde.

Abstract

Using the methodology of Social Network Analysis and, specifically, the centrality metrics of betweenness, out-degree, and weighted out-degree, this research examines the network of stock connections among the 200 largest corporations operating in Brazil. Representing 63.5% of the GDP, the study concludes that, among other sectors, Private Healthcare is one of the most powerful in the corporate economy. In this field, 7 holdings were identified, which we term the Seven Sisters of Private Healthcare. These entities not only control the healthcare stock market but also play a leading role in Brazil's overall economic control. The study is unprecedented in both its content and the applied methodology.

Keywords: The seven sisters of private healthcare; Social network analysis; Networked shareholder control; Health insurance; Political economy of health.

JEL: I18, P16 e L22



Introdução

Este artigo é uma análise da estrutura e da dinâmica, sob o ponto de vista do controle acionário em rede, dos principais grupos de saúde privada que atuam em território brasileiro. Eufemisticamente chamada de “saúde suplementar” transformou-se justamente no inverso, isto é, a saúde privada converteu-se em integrante notório do campo hegemônico no país, ameaçando a Saúde Pública, na medida em que o enfraquecimento desta está ligado diretamente ao fortalecimento da privada.

Na comparação entre dezembro de 2024 e dezembro de 2023, somaram-se 862.771 novos usuários, totalizando 52.210.290 (ANS, 2025). Um recorde. Em outros termos, se o SUS atender plenamente toda a população com excelência, sobreviveriam os planos de saúde? Sabemos qual é a resposta e por isso, sabemos que a saúde privada deve ser regulada. As corporações da saúde privada acumulam lucros bilionários (ANS, 2024) e seguem operando fusões colossais que resultam em poder e concentração ainda maiores (Brito, 2023).

Nesse cenário, prevalece o controle acionário de somente sete *holdings* que dominam não só a saúde privada no Brasil, mas também compõe reduzidíssima e poderosa classe na liderança e comando decisivo da economia brasileira. Os movimentos do setor nos últimos anos são preocupantes no sentido de aprofundarem tal influência. No momento da finalização deste artigo, a Amil e a Dasa consolidam fusão de hospitais (Koike, 2024a), o que fez com que as ações dessa última disparassem 13,69% (Koike, 2024b). Outras operações, também em data próxima à referida, que envolvem a Oncoclínicas, Banco Master, Aliança, Amil, Dasa, Rede D’Or e Bradesco (Koike, 2024c), confirmam a tendência de concentração ainda maior (Koike, 2024 e Koike e Filgueiras, 2021).

Em 2011, o instituto de pesquisa suíço ETH, publicou o estudo “A rede de controle corporativo mundial” (Vitali, Glattfelder e Battiston, 2011) analisando quanto poder de controle cada corporação exerce sobre outras corporações, por meio de aquisições de ações e de tomadas cruzadas de participação. O resultado produziu a cadeia de controle de cada corporação, dentro de uma rede. E os números impressionaram muito: 737 corporações apenas, no nível mundial, controlam 80% do mundo corporativo, e 147, o “núcleo duro” do poder, controla 40%, com destaque para o setor financeiro. Essa pesquisa me serviu como inspiração e referência.

No Brasil, esse tipo de análise, até o momento de publicação deste artigo, é inédita. O poder das empresas, sob o ponto de vista econômico, é normalmente investigado por meio dos critérios tradicionais: lucro, faturamento, *ebitda*, quantidade de trabalhadores etc. O presente estudo se baseou no controle acionário entre as 200 principais *holdings* (0,03% dos CNPJs ativos) que atuam no território nacional e respondem por 63,5% do PIB. Uma das surpresas foi a descoberta de que o setor de Saúde Privada está entre os primeiros mais poderosos na economia corporativa brasileira. Verificamos que nessa elite das 200 corporações há, dentro dela, grupos ainda mais elitizados.

Levando em conta o grau de saída (quando uma empresa possui ações de outra, quer dizer, propriedade), o primeiro nível de concentração dessa rede de 6.235 empresas (que compõem as 200 *holdings*) é constatado quando vemos que apenas 20% delas (1.247



empresas) controla 80% (5.820) de todas as conexões acionárias (7.257) da rede, isto é, ações. 10% (623) possui 68,7% (4.991) das conexões acionárias.

A saúde privada está entre os 4,6%. Nessa métrica, a Rede D'Or está em primeiro lugar. Em outros termos, quanto ao grau de saída, a Rede D'Or é a empresa mais poderosa em território nacional. E a concentração continua. 1% (um por cento: 62) das 6.235 empresas controla quase $\frac{1}{4}$ (21,7%) de toda a rede, de todas as 7.257 conexões acionárias. O presente artigo, sob essa lógica, busca entender a importância e o papel da saúde privada nessa rede que representa a economia corporativa brasileira, representante, repetimos, de 63,5% do PIB.

Considerando o grau de saída ponderado, quer dizer, não só a quantidade de conexões acionárias, mas o peso das mesmas, o setor de saúde privada está entre os 3,7% das 6.235 empresas. E aqui, novamente, a Rede D'Or aparece em primeiro lugar. Tendo em mente a centralidade de intermediação, isto é, a capacidade que uma empresa tem de ser intermediária entre outras, ou seja, controlar, acionariamente, a relação entre duas empresas ou mais, o setor de saúde privada está entre os 11,5%. São estas o que chamamos de as Sete Irmãs da Saúde Privada: Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame, Amil, Aché Laboratórios e Hapvida.

Métodos

Os dados são secundários, de natureza quantitativa e coletados do anuário “Grandes Grupos – 200 maiores” elaborados e publicados pelo jornal Valor Econômico. Reproduzindo a realidade econômica do ano de 2019, os dados foram estruturados em duas diferentes planilhas do tipo *Excel* para processamento relacional dos 7.257 vínculos acionários existentes entre as 6.235 unidades empresariais que formam os mencionados 200 grupos e processados pelo *software Gephi* para a produção dos grafos e estatísticas relacionais.

Apesar de os dados corresponderem à realidade econômica existente, como exposto, em 2019, o quadro geral pouco deve ter sido alterado, no máximo, para uma concentração ainda maior, o que valida ainda mais esta pesquisa.

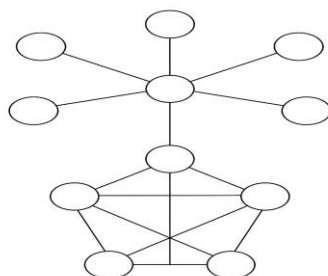
No presente artigo, aplicamos a Análise de Redes Sociais (ARS) no nível do território brasileiro, além de inovarmos utilizando um indicador sociométrico a mais (centralidade de intermediação), não empregado no estudo de Vitali, Glattfelder e Battiston (2011).

Com esse fim, fizemos uso de estatísticas relacionais para medirmos e entendermos a natureza ontológica em rede da economia corporativa, bem como dos grafos para a visualização de sua topologia. Dessa forma, são três, essencialmente, as métricas aplicadas: grau de saída, grau de saída ponderado e centralidade de intermediação (Wasserman e Faust, 1994). Segundo já apontado, o grau de saída mede a quantidade de conexões que parte de cada nó (em nosso caso, empresa) de um nó para outro(s); o grau de saída ponderado faz o mesmo, mas assumindo o peso de cada conexão e a centralidade de intermediação calcula a capacidade que em uma rede o nó tem de ligar outros nós e até subgrupos, servindo como ponte.

Todos esses três índices mediram o controle acionário da rede corporativa em território brasileiro composta pelos já mencionados 7.257 vínculos (conexões acionárias), pertinentes a cada uma das 6.235 unidades empresariais encontradas em nosso estudo.

É importante sublinhar que os graus de saída fazem menção ao controle acionário direto de cada nó e a centralidade de intermediação consegue captar o controle indireto na medida em que identifica os nós-ponte. No exemplo abaixo, o nó central (no meio do grafo), caso ele deixe a rede ou perca uma conexão, a própria rede em si deixa de existir. Tal hipótese ilustra o potencial da centralidade de intermediação.

Figura 1. Grafo com destaque para o grau de saída e centralidade de intermediação



Elaboração própria

Sendo o nó em questão eliminado, surgem duas novas redes. Esse é um dos cenários possíveis para a compreensão da importância da centralidade de intermediação. A centralidade de intermediação é baseada na ideia do controle exercido por determinado ator a respeito das relações sobre outros atores.

Quando, por exemplo, dois atores não são adjacentes (diretamente conectados), eles dependem de outro(s) ator(es) do grupo para suas trocas ou eventuais relações, especialmente de atores que se encontram no caminho entre eles e que tem a capacidade de interromper a circulação dos recursos (qualquer tipo de relação ou comunicação). Quanto mais um ator se encontra “no meio”, como ponto de passagem obrigatório por caminhos que outras pessoas (ou atores ou empresas) devem tomar para se encontrar, mais central ele será, desse ponto de vista. O nó com elevada centralidade de intermediação é um ator-ponte, é aquele que controla a comunicação na rede e a comunicação em uma rede é a própria rede, isto é, sem comunicação não há rede. Um nó, com esse tipo de controle, pode ameaçar a rede, e, eventualmente, coagir ou pressionar a rede.

Ainda na Figura 1, observamos que o nó que está na parte superior do grafo, possui cinco conexões, a mesma quantidade do nó que está no meio da rede, um pouco mais abaixo. Entretanto, este possui um poder maior na rede, pois controla o fluxo da rede, unindo os dois principais subgrupos da rede.



Portanto, possuir poucas conexões não significa, necessariamente, ser um nó pouco importante. Transportando os raciocínios anteriores para nossa rede corporativa, a unidade empresarial que tiver a maior centralidade de intermediação e grau de saída (ponderado ou não) será aquela que, individualmente, maior controle exercerá sobre a economia corporativa. Em outras palavras, podem chantagear o país, controlar e manipular a economia nacional de acordo com os próprios interesses privados, além de, é claro, manipularem os serviços de saúde.

Resultados

No grupo de 200 *holdings* há, ao total, 16 ligadas à área da saúde: Aché Laboratórios, Amil, Bayer, DASA, Eurofarma, Fleury, Grupo NC, Hapvida, Hyperama Pharma, Notre Dame Intermédica, Novartis, Prevent Senior, Profarma, Raia Drogasil, Rede D'Or e Unimed-Rio. Dentre estas, 7, que nomeamos como as Sete Irmãs da Saúde, estão no topo da área da saúde privada (Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame Intermédica, Amil, Aché Laboratórios e Hapvida) e, especialmente, também fazem parte do 1% que controla acionariamente quase $\frac{1}{4}$ de toda a economia corporativa brasileira (Rodrigues, 2023). Quer dizer, em conformidade com a dimensão do controle acionário em rede, constituem um grupo minúsculo não só no próprio setor, mas na economia corporativa e na economia como um todo.

O pequeno comitê da saúde privada e da economia nacional

Cinco (Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame, Amil) das Sete Irmãs da Saúde integram o 1% (grau de saída e grau de saída ponderado), por consequência, também estão no topo dos 10% e 20%, além de (todas as sete) integrarem os 3,7% do grau de saída ponderado e os 11,5% da centralidade de intermediação, conforme o Quadro 1 abaixo. Nela, apontamos a lista com as principais por ordem de importância, de acordo com a centralidade de intermediação, o grau de saída ponderado e o grau de saída.

A análise entre as posições das Sete Irmãs da Saúde Privada, a partir dos três indicadores no Quadro 1, evidencia sua participação privilegiadíssima no controle corporativo em rede da economia brasileira. Elas fazem parte da elite dos 10% das *holdings* (623 nós) que controlam 68,77% (4991 arestas) de todos os vínculos acionários da rede e, consequentemente, também pertencem aos 20% (1.247 nós) que controlam 80% (5820) de todas as conexões.

No Quadro em questão, primeira e segunda colunas do lado esquerdo, tratamos da centralidade de intermediação. As Sete Irmãs da Saúde estão muito bem colocadas, com destaque para a Rede D'Or. Esta, nesse importantíssimo quesito, pertence ao 0,5% entre as 6.235 empresas que compõem as 200 *holdings*. Destaca-se que 25,93% de seu capital pertence à *Pacific Mezz*, empresa localizada em Singapura, um dos mais importantes paraísos fiscais e que, ainda, conta com sigilo fiscal. Esses últimos dois termos: *paraíso fiscal* e *sigilo fiscal* são mecanismos, como se sabe, para reduzir ou eliminar a necessidade legal de pagamento de impostos. Ainda sobre a Rede D'Or, 11,88% está sob o controle do *The Carlyle Group*, um dos maiores fundos financeiros especulativos do mundo. Em 2022 administrava US\$ 375 bilhões, o equivalente a metade do orçamento federal do

Brasil. São muitas as notícias de operações, para dizer no mínimo, controversas e lesivas do grupo, incluindo a área da saúde.

Quadro 1. As Sete Irmãs da Saúde - Centralidade de Intermediação e Grau de Saída Ponderado

Holdings da saúde privada (considerando 6.235 empresas, fundos e <i>holdings</i> – 63,5% do PIB – 200 maiores grupos) que atuam em território brasileiro, segundo controle acionário em rede					
Posição na rede total	Centralidade de intermediação	Posição na rede total	Grau de saída ponderado	Posição na rede total	Grau de saída
35	Rede D'Or São Luiz	1	Rede D'Or São Luiz	1	Rede D'Or São Luiz
83	DASA - Diagnósticos da América	17	DASA - Diagnósticos da América	23	DASA - Diagnósticos da América
179	Hapvida Participações e Investimentos	30	Eurofarma Laboratórios	34	Eurofarma Laboratórios
192	Notre Dame Intermédica Saúde	38	Notre Dame Intermédica Saúde	36	Notre Dame Intermédica Saúde
509	Eurofarma Laboratórios	51	Amil Assistência Médica Internacional	67	Amil Assistência Médica Internacional
608	Amil Assistência Médica Internacional	166	Ache Laboratórios Farmacêuticos	185	Ache Laboratórios Farmacêuticos
719	Aché Laboratórios Farmacêuticos	235	Hapvida Participações e Investimentos	288	Hapvida Participações e Investimentos

Elaboração própria.

Por exemplo, está no leque de ações danosas da *Carlyle*, a diminuição da qualidade e redução de serviços, bem como aumento de preços de medicamentos. Para maiores detalhes, o leitor pode pesquisar os casos relacionados à *HCR ManorCare*, *LifeCare Holdings*, *Pharmaceutical Product Development*, *Albany Molecular Research*, *Acrotech Biopharma*, *Covis Pharma* e *Ortho-Clinical Diagnostics*.

Outro exemplo de empresa global, cujas estratégias empresariais não são exatamente dignas de constarem nos livros de boa governança é o caso da *United Health*, controladora da Amil no momento da confecção do presente artigo⁴³. Entre as denúncias sobre essa corporação, constam fraudes, reclamações falsas, acusações de faturamento excessivo, recusa de tratamentos, táticas agressivas para o não-pagamento de reembolsos e formação de monopólio. Práticas que tem lhe custado, nos Estados Unidos, processos judiciais e investigações governamentais.

⁴³ Em dezembro de 2023, a *United Health* vende a Amil, por R\$ 11 bilhões, para o fundador da Qualicorp e QSaúde, José Seripieri Filho.



Voltando à sequência das maiores no Brasil, estão DASA, Hapvida, Notre Dame, Eurofarma e Amil, todas na elite dos 10% e 20%. Fica bastante claro, assim, a efetiva e determinante participação das Sete Irmãs da Saúde no controle, em última instância, da economia brasileira. Essa afirmação é fortalecida quando observamos a terceira e quarta colunas da esquerda para a direita. Nelas, mostramos o indicador grau de saída ponderado. Nesse item, a saúde privada possui primazia em nível ainda superior. Das Sete Irmãs da Saúde, cinco (pela ordem: Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame e Amil) estão no 1%. Reforçamos: o conjunto de 200 *holdings* estudado representa 63,5% do PIB. Portanto, não se trata de qualquer agrupamento, mas, sim de empresas que possuem participação hegemônica no controle acionário em rede na economia brasileira e não só no mercado da saúde privada. Logo, as Sete Irmãs da Saúde são muito mais poderosas do que acreditávamos.

Ao superarem sua área de atuação se tornam jogadores decisivos e com peso preponderante na economia corporativa e geral do país. Trata-se de uma plutocracia que se estrutura de maneira silenciosa, discreta, distante de regulações e sob os olhares impotentes do Ministério da Saúde, da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Na quinta e sextas colunas estão os indicadores do grau de saída. Equivalentes ao grau de saída ponderado, reforçam a superconcentração do controle acionário em rede.

No pequeno comitê, a Rede D'Or São Luiz (RD) está na liderança. Ela é a número 01 do país nos quesitos grau de saída e grau de saída ponderado. Isso significa que a RD é a *holding*, entre todas que atuam no território nacional, e de todos os setores da economia, a que possui não só uma quantidade maior de controle acionário direto, mas que também detém os maiores percentuais nesse quesito: possui conexões diretas com 82 nós, sendo 77 o controle direto, ou seja, grau de saída.

Quanto à capacidade da RD se colocar como controladora do fluxo da rede, ela está em 35º lugar, no nível nacional geral, entre as 200 corporações compostas por 6.235 nós. Sendo assim, exerce grande capilaridade sobre a economia brasileira, tendo, por isso, a capacidade de articular estratégias econômicas que possam influenciar ou até mesmo determinar decisões, a seu favor, em termos de políticas públicas na área da saúde, da política econômica nacional e do funcionamento da economia corporativa brasileira. É um polvo gigante com seus longos e inúmeros tentáculos. No conjunto de empresas e fundos, controlados em rede pela *holding* RD, estão empresas de planos de saúde, laboratórios de análise clínica, hospitais, clínicas e vários tipos de empresas de serviços médicos. Entretanto, a *holding* também controla um grande conjunto de corretoras de seguro e, principalmente, empreendimentos imobiliários. Até mesmo uma empresa que oferece serviços de alimentação, para eventos e recepções, faz parte do leque corporativo da RD. Essa análise pode e também deve ser aplicada às demais integrantes das Sete Irmãs da Saúde Privada.

Com poder econômico preponderante, as Sete Irmãs da Saúde produziram um grupo de bilionários proporcional à liderança que amealharam. De acordo com a revista Forbes Brasil de 2024, há, registrados como brasileiros, 240 bilionários. Desses, 11 são proprietários das Sete Irmãs, acumulando patrimônio de R\$ 51,8 bilhões. Esse valor,



segundo a própria Forbes, pode ser menor do que o real, pois não há como saber se todos os imóveis, aplicações financeiras, obras de arte, paraísos fiscais, joias etc estão incluídas em tal patrimônio. A Rede D'Or é a terceira corporação maior quantidade de bilionários no Brasil, dentre todas, de todos os setores. São eles:

Quadro 2. Bilionários brasileiros ligados às Sete Irmãs da Saúde

Nome	Patrimônio individual R\$ - bilhões	Empresa pertencente às Sete Irmãs da Saúde	Posição entre os 240 bilionários do Brasil
Jorge Neval Moll Filho	13,9	Rede D'Or	24
Cândido Pinheiro Koren de Lima	13,8	Hapvida	25
Jorge Fontoura Pinheiro Koren de Lima	2,5	Hapvida	144
Alice Junqueira Moll	2,31	Rede D'Or	151
André F. Junqueira Moll	2,31	Rede D'Or	151
Jorge Neval Moll Neto	2,31	Rede D'Or	151
Paulo Junqueira Moll	2,31	Rede D'Or	151
Pedro Junqueira Moll	2,31	Rede D'Or	151
Renata Junqueira Moll Bernardes	2,31	Rede D'Or	151
Camilla de Godoy Bueno Grossi e Pedro de Godoy Bueno	1,68	DASA	193
André Junqueira dos Santos Pessoa	1,06	Grupo São Francisco/Hapvida	237
Total	46,8	-	

Fonte: Revista Forbes – 240 bilionários - 2024

Sabemos que a riqueza não é infinita: se pouquíssimos possuem muito, a grande maioria ficará com muito pouco ou quase nada. A ideia neoliberal, conhecida como *trickle-down economics*, ou seja, de que o crescimento da riqueza e sua concentração por uma pequena elite, acabaria proporcionando, ao final das contas, mais investimentos, empregos e salários, beneficiando trabalhadores e população, não ocorre. *Thomas Piketty* em sua obra *O Capital no Século XXI*, demonstrou essa tese. A existência de empresas privadas muitíssimo grandes, bem como seus respectivos bilionários, são causas e evidência da extrema concentração de riqueza, fenômeno este crucial na produção e manutenção da pobreza e miséria em sociedades abundantes, como a nossa. O controle acionário em rede no Brasil, e a saúde privada, são manifestações desse quadro.

Considerações finais

Também no campo corporativo, nenhuma organização deveria poder crescer infinitamente, mas é exatamente sob esse cenário econômico-político em que vivemos, seja em nível mundial, salvo exceções, e no Brasil. Nesse sentido, entre outras causas, não é demais afirmar que o poder efetivo, atualmente, está nas mãos das grandes corporações empresariais. Poucos ainda são os governos dos Estados Nacionais que podem articular um reordenamento do quadro vivido e, entre eles, está o Brasil. Essa possibilidade ocorre por conta, por exemplo, das próprias dimensões que caracterizam o Governo Federal e alguns Governos Subnacionais.



Há instrumentos dentro do próprio capitalismo, já consolidados, que poderiam ser utilizados para a regulação e a limitação das grandes corporações atuantes em território brasileiro. Sejam elas nacionais ou não, medidas conhecidas poderiam viabilizar o desenvolvimento justo e sustentável do país. Como se sabe, a economia não possui um fim em si mesma, ela existe, por óbvio, para proporcionar qualidade de vida à sociedade. Podem ser colocadas nesse conjunto medidas restritivas em relação a paraísos fiscais; pagamento de impostos sobre lucros e dividendos; tributação de exportação de matérias-primas; tributação, limitação e regulamentação da remessa de lucros; ordenação soberana e com interesse social do mercado financeiro entre outras providências.

Poderíamos ainda citar a exigência de, em setores estratégicos, empresas estrangeiras serem obrigadas a se tornarem sócias do Governo Federal para poderem acessar o mercado brasileiro, o que é prática na China.

Outra norma poderia ser a inclusão dos trabalhadores, de forma paritária, nos conselhos gestores deliberativos das empresas, desde as de médio porte. Realidade esta existente há décadas no modelo de cogestão da Alemanha. Entretanto, o que se vê no Brasil, e certamente em muitos outros países, é, o que foi aqui demonstrado, a saúde é apenas um negócio como qualquer outro, um negócio que deve dar o máximo possível de lucros, não importando se isso custará o bem-estar e a vida de milhões de pessoas.

Como assinalado, o Brasil ainda pode, apesar do gigantesco nível de poder atingido pela saúde privada, reverter a gravíssima situação em que nos encontramos. De acordo com o que já foi dito, sublinho, os dados desta pesquisa refletem a realidade do ano de 2019, hoje, muito provavelmente, a concentração e poder das Sete Irmãs é ainda maior. Nesse cenário de elevado controle, por certo a concorrência e a competitividade não serão estimuladas. Facilita-se assim, a tomada de decisões unilaterais, por parte da Sete Irmãs. Ficam comprometidas, portanto, a política de preços; a qualidade na oferta dos serviços de saúde; o equilíbrio de forças no estabelecimento de contratos com os usuários; o poder político dos órgãos governamentais; a qualidade de vida dos trabalhadores do setor e aumenta-se a pressão sobre o SUS. Perde a população. Como sempre.

Referências

ANS (AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR). ANS divulga dados econômico-financeiros relativos ao 3º trimestre de 2024. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/numeros-do-setor/ans-divulga-dados-economico-financeiros-relativos-ao-3o-trimestre-de-2024?kclid=QAhOc0PHnALHMx5u>.

ANS (AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR). Setor de planos de saúde fecha 2024 com números recordes de beneficiários. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/numeros-do-setor/setor-de-planos-de-saude-fecha-2024-com-numeros-recordes-de-beneficiarios?kclid=HlIdDUqDQ3Hzhqkv#:~:text=O%20setor%20de%20planos%20de,em%20planos%20de%20assist%C3%A2ncia%20m%C3%A9dica>.



BRITO, G. Concentração de Capital e os limites da saúde privada. *Outra Saúde*, 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasaude/concentracao-de-capital-e-os-limites-da-saude-privada/>.

KOIKE, B. Dasa e Amil criam rede hospitalar de R\$ 10 bi. *Jornal Valor Econômico*, 2024 (a). Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/06/17/dasa-e-amil-criam-rede-hospitalar-de-r-10-bi.ghtml>.

_____. Ações da Dasa disparam 13,69%, com notícia sobre possível fusão com hospitais da Amil. *Jornal Valor Econômico*. 2024 (b). Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/05/23/dasa-dispara-1369-pontos-percentuais-com-noticia-sobre-possivel-fuso-com-hospitais-da-amil.ghtml>.

_____. Bradesco Seguros e Rede D'Or se unem para criação de nova empresa de hospitais. *Jornal Valor Econômico*. 2024 (c). Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/05/08/bradesco-seguros-e-rede-dor-se-unem-para-criao-de-nova-empresa-de-hospitais.ghtml>.

_____. Análise: três grandes transações em 15 dias e mudanças à vista no setor hospitalar. *Jornal Valor Econômico*. 2024 (d). Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/05/23/analise-tres-grandes-transacoes-em-15-dias-e-mudancas-a-vista-no-setor-hospitalar.ghtml>.

KOIKE, B.; FILGUEIRAS, M. L. Hapvida e Intermédica acertam fusão e criam grupo de R\$ 110,5 bi. *Jornal Valor Econômico*. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/03/01/hapvida-e-intermedica-acertam-fusao-e-criam-grupo-de-r-1105-bi.ghtml>.

RODRIGUES, E. M. Quem está no comando? Poder entre grupos econômicos hegemônicos no Brasil. *Pesquisa de Pós-Doutorado em Economia Política na PUC/SP. Revista Pesquisa & Debate*, v. 35, n. 1(63), pp.171-192. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/view/62294/42622>.

VITALI, S.; GLATTFELDER, J.; e BATTISTON, S. The Network of Global Corporate Control. *ETH Zurich: Journal. Pone*, 2011. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0025995>.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social Network Analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.